



BRUNO PAIS

Deixou o Fundão há 12 anos para morar no CAR do Jamor e ser atleta de alta competição. Futuro passa por ser treinador

ANA PAULA MARQUES

RECORD – Será a sua segunda presença em Jogos Olímpicos. O que mudou em quatro anos? A qualificação foi mais fácil ou difícil?

BRUNO PAIS – Bem, em quatro anos o triatlo deu um salto enorme em termos competitivos, existindo agora uma grande homogeneidade, o que fez com que esta qualificação se tornasse mais renhida, suada. De salientar que a Europa é o continente com atletas mais fortes e onde as provas são mais competitivas.

R – Em Pequim conseguiu o 17.º lugar. Agora para Londres, qual é a fasquia?

BP – Vou tentar superar o lugar de 2008 e se o conseguir, para mim, será já um grande feito. Nos dois meses que faltam para a prova, vou trabalhar arduamente para atingir esse objetivo.

R – Portugal manteve até a duas provas do fim do apuramento olímpico três atletas qualificados. O Bruno, João Silva e o João Pereira. Mas feitas as contas só vão dois. O que acabou por correr mal na parte final?

BP – A prova de Huatulco, no México, onde o João Pereira partiu o desviador, acabando por condicionar a sua qualificação. Para o ranking olímpico contavam oito resultados e no caso do João, só ficou com sete. A disputa pelo oitavo lugar por países definiu-se na última prova em Madrid, levando o Canadá a melhor na luta direta com Portugal.

R – Em Pequim, o Bruno teve a companhia da Vanessa Fernandes e do Duarte Marques. Os dois não vão estar em Londres. A Vanessa pelas razões que se conhecem; o Duarte porque não conseguiu o apuramento. O que lhes pode dizer agora?

BP – Pergunta difícil... Relativamente ao Duarte e porque convivi com ele até à fase final de qualificação digo-lhe



TRIATLO

COMPETIÇÃO. Bruno Pais diz que o desenvolvimento da modalidade fez com que as provas de triatlo se tornassem mais renhidas

QUEM É

BRUNO Miguel Forte PAIS

Nascimento: Fundão, 10/6/1981, 31 anos

Altura: 1,79 m; **Peso:** 64 kg

Clube: Benfica

Ranking apuramento olímpico: 32.º

Treinadores: Manuel Alves e Bruno Salvador

Momentos altos na carreira:

Campeão da Europa Sub-23 em 2004; 3.º nas Taças do Mundo de Corner Book'2005, Aqaba'2006 e Huatulco'2011; Haxacampeão Nacional de 2004 a 2009; 17.º em Pequim'2008; Campeão Nacional de triatlo longo em 2009; Campeão Nacional de duatlo em 2009

Resultados mais recentes: 15.º WCS de Hamburgo em 2011; 30.º WCS de Londres (teste event) em 2011; 32.º WCS de Sydney em 2012; 35.º WCS de San Diego em 2012

«Prova diferente de qualquer outra»

Estreia em Jogos Olímpicos aconteceu há quatro anos em Pequim, tendo conquistado a 17.ª posição

para não desistir do seu potencial e para continuar a trabalhar diariamente como até aqui. À Vanessa, que acredite nela, que se orgulhe do seu passado e que queira voltar a ser a melhor triatleta do Mundo. Eu acredito!

R – Não vai a Vanessa nem o Duarte, mas vai o João Silva, um triatleta mais novo. Digamos que vai ser um pouco o cicerone, pois já tem a experiência de Pequim. Afinal, o que pode um atleta, que já foi a uns Jogos, dizer a outro que vai pela primeira vez?

BP – O facto de ter estado em Pequim fez com que tenha percebido que os Jogos Olímpicos é uma prova diferen-

te de qualquer outra, que em duas horas temos de estar super e onde tudo pode acontecer. Como curiosidade nenhum favorito à partida tem ganho.

R – Há quantos anos deixou o Fundão para morar no Centro de Alto Rendimento (CAR) do Jamor?

BP – Fui para o Jamor em Setembro de 2000, a convite da Federação de Triatlo e estive até 2007, ano em que fui morar com a minha namorada. Neste momento continuo a ser atleta do CAR, mas em regime externo.

R – Que papel tem tido a família, pais, esposa e agora também uma filha, na sua carreira desportiva?

BP – Têm sido fundamentais no meu apoio, pois ser atleta de alta competição muitos anos não é fácil e daí ser necessário ter uma estrutura familiar sólida. Com o nascimento da minha filha tem sido mais difícil estar longe de casa e neste momento é ela que sente mais a minha ausência.

R – Para além de atleta, faz parte também da equipa técnica da Federação. Como está a decorrer essa experiência? O futuro passa por continuar no triatlo como treinador?

BP – Esta oportunidade surgiu há dois anos no decorrer de um novo projeto da Federação, onde a minha

experiência seria uma mais valia. Ao ser ainda um atleta no ativo, não consigo ainda desempenhar o meu papel de técnico na totalidade. Quanto ao futuro, espero enveredar por uma carreira de treinador.

R – Se fosse hoje, tomaria as mesmas decisões, ou seja, deixava o Fundão há 12 anos para ir para Lisboa e apostar numa carreira desportiva, neste caso no triatlo?

BP – Claro que sim. Não me arrependo nem um pouco das opções que fui tomando. Gosto muito do que faço e não imagino a minha vida sem ser ligada ao desporto.

BOXE → ANTIGO PUGILISTA CUBANO TEOFILO STEVENSON MORREU EM HAVANA AOS 60 ANOS

O campeão que negou Cassius Clay

■ Teofilo Stevenson – por muitos considerado o melhor pugilista amador de sempre – morreu na última segunda-feira, em Havana, aos 60 anos, vítima de um ataque cardíaco.

Nunca se quis profissionalizar e recusou vários contratos milionários para defrontar o lendário pugilista norte-americano Cassius Clay, que

mais tarde recebeu o nome de Muhammad Ali, no ringue. Aquele que seria o “combate do século”, ansiado por muitos, nunca aconteceu. “Não acredito no profissionalismo, apenas na revolução. Eu digo a estes americanos, a estes promotores, que o dinheiro não significa nada para mim. O que é um milhão de dóla-

res comparado com o amor de oito milhões de cubanos?”, questionou Stevenson.

O tri-campeão olímpico, que dominou nos Jogos Olímpicos de Munique (1972), de Montreal (1976), e de Moscovo (1980), somou, ao longo da sua carreira, 301 vitórias em 321 combates e disse, no início do ano, que as partici-

pações nos Jogos foram as suas “melhores memórias”.

Stevenson nasceu a 29 de março de 1952, na cidade de Puerto Padre, onde começou a praticar boxe, ainda criança e contra a vontade da mãe. Depois de se ter retirado dos ringues, assumiu as funções de vice-presidente da federação cubana de boxe. M.P.

DUELO. Teofilo Stevenson (à direita) nunca quis defrontar Muhammad Ali

